
Comunicado de Imprensa

“TRANSIÇÃO DIGITAL TEM QUE SER INCLUSIVA” PORQUE O ENSINO É UNIVERSAL

- **A Educação é Universal e, como tal, a transição digital deve ser inclusiva. “Não deixar ninguém para trás” – a frase mais ouvida em todas as declarações nestes dois dias de debate**
- **As tecnologias como smartphones devem ser integrados na sala de aula em benefício dos alunos como ferramenta fundamental, assim como outras que permitem novas abordagens e metodologias**
- **Os relatos de todas estas conferências estarão disponíveis no sítio da internet da OEI e da Universidade do Minho. Pode ainda rever o seminário em vídeo no Youtube da OEI onde estão integralmente publicados**

Lisboa, 15 de julho de 2022 – A inclusão e a igualdade de acesso à transição digital na educação foi um dos principais temas apontados pela mesa de debate de jovens esta quinta-feira, segundo e último dia de seminário “Transformação Digital na Educação”, realizada em parceria com o Instituto Português do Desporto e Juventude, I.P. (IPDJ) e que contou com Max Trejo, Organismo Internacional de Juventude para Iberoamérica; Rui Oliveira, do Conselho Nacional da Juventude; Marcus Barão, do Conselho Nacional da Juventude no Brasil; Paulo Fontes, da Conferência de Ministros da Juventude e Desporto da CPLP; e Aissatu Forbs Djalo, do Fórum da Juventude da CPLP, tendo sido moderada por Duarte Lopes, da Associação Académica da Universidade do Minho.

Afirmaram ainda a importância de serem parte envolvida no processo de digitalização e não apenas destinatários. Sublinharam que a transformação digital na educação deve levar a um ajustamento dos modelos de ensino e dos sistemas, e mencionado que será fundamental preparar os jovens para navegar na rede e saber usá-la para o acesso à informação credível e conseguir assim produzir conhecimento.

No painel sobre a “Inteligência Artificial e pensamento computacional na Educação” foi discutido, por exemplo, que o smartphone deve ser parte da aula, já que é um elemento que deve ser integrado e potenciado na do ensino, que permite abordagens exploratórias e uma mudança de paradigma. A inteligência artificial deve ser integrada ensino para que os alunos não sejam meros destinatários da tecnologia, mas agentes de mudança, através da

CONTACTO

Raquel da Cruz Leal
Assessoria de Imprensa
OEI Portugal
imprensa.prt@oei.int

programação, por exemplo. Ficou ainda sublinhado a importância da formação de professores – pelo que não lhes deve caber mais decidir se vão ou não usar as novas tecnologias para contribuir para a literacia digital. Este painel contou com Claudia Laura Limón Luna, consultores em Tecnologia y Educación para a Iberoamérica (CONCIUS); com Pedro Tadeu, do Instituto Politécnico da Guarda; com Gonçalo Espadeiro, da Universidade de Évora com a moderação de Tamara Díaz Fouz, diretora de Educação da OEI.

A mesa-redonda “Respostas nacionais, regionais e alianças estratégicas” reconheceu que a pandemia foi fulcral para a dinamização de respostas no terreno, mas a este fator das alianças institucionais somam-se a outros dois: a criação de políticas públicas ajustadas e investimento dos estados e privados neste esforço coletivo de criar mais e melhores oportunidades para todos. Foi ainda referido que as ferramentas que saltaram para dar resposta a uma situação inusitada e urgente, acabaram por, ao longo destes dois últimos anos, e num processo muito rápido, serem hoje vistas como mandatórias na integração dos sistemas educativos, promovendo um ensino híbrido, em que a relação com a tecnologia é natural e integra um novo paradigma de ensinar. Esta discussão contou com Tamara Díaz Fouz, diretora de Educação da OEI; Ricardo Cuenca, Universidade Nacional Mayor de San Marcos, no Perú; Anabela Leal, diretora da Escola Secundária de Felgueiras; Bernardo Sousa, da iniciativa do governo INCoDe.2030, moderado Ana Paula Laborinho, diretora da OEI em Portugal.

Otto Granados, presidente do Conselho Assessor da OEI proferiu a conferência de encerramento “Educação, digitalização e cidadania” que trouxe um olhar complementar a este segundo dia de seminário, e que já tinha sido apontado pelo secretário-geral da OEI, Mariano Jabonero, aprofundando o tema da inclusão como foco central do trabalho desta organização que tem uma visão macro sobre as assimetrias nos diversos países que a compõe. Um alerta para que não seja uma intervenção isolada mas sim tendo em conta a cooperação inter institucional e governamental.

Terminou o seminário com notas finais por Ana Paula Laborinho, diretora da OEI em Portugal, que realçou a importância de criar parcerias e redes entre a ibero-américa, a CPLP e num futuro próximo a Europa, para que as experiências possam ser partilhadas e o conhecimento enriquecido, sendo essa uma das marcas do trabalho da OEI. Destacou ainda e agradeceu o trabalho da equipa em Portugal e “Não deixar ninguém para trás na sociedade e na educação foi a frase mais ouvida neste seminário” refere José Augusto Pacheco, da Universidade do Minho em jeito de conclusão.

Sobre a Organização de Estados Ibero-americanos (OEI)

Sob o lema "Fazemos a cooperação acontecer", a Organização de Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI) é, desde 1949, o primeiro organismo intergovernamental de cooperação Sul-Sul do espaço ibero-americano. Atualmente, tem 23 Estados-Membros e 19 escritórios nacionais, além da sua Secretária-geral em Madrid.

CONTACTO

Raquel da Cruz Leal
Assessoria de Imprensa
OEI Portugal
imprensa.prt@oei.int

Com mais de 400 convénios ativos com entidades públicas, universidades, organizações da sociedade civil, empresas e outras organizações internacionais como a UNESCO, SICA, BID, CAF e União Europeia, a OEI representa uma das maiores redes de cooperação da Ibero-América. Entre os seus resultados, a organização tem 16 milhões de beneficiários diretos em toda a região.

CONTACTO

Raquel da Cruz Leal
Assessoria de Imprensa
OEI Portugal
imprensa.prt@oei.int